

Jigoku no Banken: Akai Megane / 1987
“Os Óculos Vermelhos”

um filme de MAMORU OSHII

Realização: Mamoru Oshii *Argumento:* Kazunori Itô, Mamoru Oshii *a partir de uma história original de Mamoru Oshii* *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco e cor): Yousuke Mamiya *Som:* Kunio Kuwahara, Yasufumi Yoda *Montagem:* Shiji Morita *Música:* Kenji Kawai *Direcção Artística:* Guarda-roupa: Yutaka Izubuchi *Assistente de realização:* Kazumori Itô *Interpretação:* Shigeru Chiba (Koichi Todome), Machiko Washio (Washio Midori), Hideyuki Tanaka (Soichiro Toribe), Tesshō Genda (Bunmei Muroto), Mako Hyōdō (rapariga), Hideyo Amamoto, etc.

Produção: Omnibus Production (Japão, 1987) *Produtores:* Daisuke Hayashi, Shigeharu Shiva *Título internacional:* THE RED SPECTACLES *Cópia:* DCP (digitalização 4 K de 2024, apoiada por 2953 espectadores a partir do negativo de câmara 35 mm e de banda de som magnético 16 mm), preto-e-branco e cor, legendado em inglês e electronicamente e português, 116 minutos *Estreia:* 7 de Fevereiro de 1987 (Japão) *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca.*

Pareceis, caro filho, um tanto inquieto, como quem sente medo. Criaí ânimo, senhor; nossos festejos terminaram.

Como vos preveni, eram espíritos todos esses actores; dissiparam-se no ar, sim, no ar impalpável. E tal como o grosseiro substrato desta vista, as torres que se elevam para as nuvens, os palácios altivos, as igrejas majestosas, o próprio globo imenso, com tudo o que contém, hão de sumir-se, como se deu com essa visão ténue, sem deixarem vestígio. Somos feitos da matéria dos sonhos; nossa vida pequenina é cercada pelo sono. Reconheço, senhor, que estou irritado. Suportai-me, vos peço; é da fraqueza. Enturva-se-me o cérebro já velho. Não vos amofineis com minha doença. Caso vos for do agrado, entrai na cela, para aí repousardes. Enquanto isso, darei algumas voltas, porque possa tornar-me calmo.

William Shakespeare
A Tempestade, Acto 4, Cena 1 (fala de Próspero)

Somos feitos da matéria dos sonhos. JIGOKU NO BANKEN: AKAI MEGANE – ou, na variação portuguesa adoptada, “OS ÓCULOS VERMELHOS” – cita a fonte, a famosa fala de Próspero na *Tempestade* de Shakespeare (circa 1610), não Bogart e a famosa fala da sua personagem, Sam Spade, em *THE MALTESE FALCON*. No original, diz Próspero, “We are such stuff / As dreams are made on”. No final do filme de John Huston a partir de Dashiell Hammet (1941), diz Bogart da estatueta do falcão que é “the stuff dreams are made of.” No primeiro filme de ficção do realizador japonês Mamoru Oshii (1987), a partir de uma história original sua, a referência a Shakespeare é explicitada a planos tantos, enquanto o fundo criminal *noir*, em versão paródica aglutinada às ideias *neo* e *meta* (no sentido da *reinvenção sobre*) permite a ligação imediata ao imaginário do cinema clássico (Huston e Bogart, o *noir* hollywoodiano dos anos 1940/50 de que *THE MALTESE FALCON* é um título icónico) e à descendência directa do cinema moderno, exemplar em *LE SAMOURAI* de Jean-Pierre Melville com Alain Delon no papel de Jef Costello (1967).

Também se pode notar a panóplia de referências literárias e filosóficas de JIGOKU NO BANKEN: AKAI MEGANE, de Alexander Pushkin a Oscar Wilde, contos das *Mil e Uma Noites* ou o *Capuchinho Vermelho*, os conceitos do

determinismo e do livre-arbítrio, etc. Ou atender aos laivos FC da acção num futuro distópico, cujas imagens em alguns momentos podem remeter para ALPHAVILLE, UNE ÉTRANGE AVENTURE DE LEMMY CAUTION de Jean-Luc Godard (1965), que noutros momentos vem à ideia a reboque de PIERROT LE FOU e MASCULIN, FÉMININ (a interpelação ao espectador; o espectador na sala de cinema) ou PRÉNON CARMEN (a sequência do casal e dos televisores de grão na imagem, sem *Ruby's Arms*, a canção de Tom Waits). Mas também se pode pensar em Jerry Lewis e no cenário-estúdio de THE LADIES MAN (na sequência do plano contrapicado sobre a casa-cubículo de JIGOKU... que revela o estúdio de cinema, à beira da destruição)... o desfile de associação de ideias/imagens podia continuar ou recomeçar pela linhagem japonesa dos filmes de samurais (as caras de branco do bando acrobático dos *gangsters* vestidos de negro) ou do trabalho formal do cinema de Seijun Suzuki, por exemplo. O delírio referencial e visual do filme de Mamoru Oshii adopta a perspectiva alucinada do protagonista, o antigo agente policial que regressa (como um não-herói *noir*) a Tóquio deparando com uma cidade espreitada por imagens de gatos e pela corrupção, onde a criminalidade se disseminou, onde pululam espíões e agentes duplos, onde os *noodles* foram proibidos e pequenos restaurantes se tornaram lugares clandestinos frequentados por comensais que saboreiam as suas taças de comida tradicional voltados para a parede, esperando não ser apanhados.

É uma distopia século XX, protagonizada por Todome, esse fugitivo que três anos pertencia a uma Unidade Móvel de Investigação Especial Anticrime Violento, chamada Kerberos, que ruiu diante da sua própria violência, e da qual restaram Todome, Soichiro e Midori. Regressado, Todome procura os antigos aliados enquanto vai cruzando assassinos profissionais e uma enigmática rapariga cuja imagem o vai interpelando até se volver no belo plano do cromatismo vermelho que, perto do fim, lembra a história do Capuchinho. Ou um botão de rosa. Há muitas pontas por onde pegar em JIGOKU..., guardadas na grande mala de couro que este homem transporta consigo, ele e a sua gabardine clara, camisa-adeço e atilhos brancos, óculos de sol escuros. No final, a espectadores do século XXI a abertura dessa mala tanto pode evocar o medo do nuclear vindo da luz no escuro da mala de KISS ME DEADLY de Robert Aldrich (1955, outra vez o *noir*) como o puro enigma da caixa azul cúbica e polida de MULHOLAND DRIVE de David Lynch (2001, filmada décadas depois). Mas não vamos outra vez por aí ou ainda passamos pelos vermelhos de Nicholas Ray, BIGGER THAN LIFE. Notemos antes o lado gráfico para o qual este filme progressivamente tende, aí construindo a narrativa estilizada.

Primeira obra de “acção real” de Mamoru Oshii, que se notabilizara no cinema de animação, JIGOKU... é também o primeiro título da trilogia da “Saga Kerberos”, na qual Mamoru imaginou uma Tóquio dominada pela Alemanha nazi depois da vitória da II Guerra Mundial numa traição à História do mesmo tipo, mas ao contrário, da de Quentin Tarantino em INGLORIOUS BASTERDS (2009). Produção de baixo orçamento, cujo elenco conta sobretudo com actores “de voz”, ou seja, com experiência de trabalho de dobragem sob a direcção do realizador, JIGOKU... é um desassossego que foi conquistando um pequeno culto. Uma “investigação abstracta sobre a essência da criminalidade” como algures se notou. Numa correnteza de estados de vigília e adormecidos ou em transe fabuloso.

Maria João Madeira